

Língua e Identidade em *Memes*: uma Proposta Pedagógica da Variação Linguística

Language and Identity in *Memes*: a Pedagogical Proposal of Linguistic Variation

Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo*
Lailton Ferreira Souza**

RESUMO:

Neste artigo, analisamos de que forma os *memes* da página “Pai do Pingu”, no *Facebook*, podem ser utilizados para o estudo da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Com uma linguagem tipicamente cearense, adaptada ao contexto dinâmico e versátil da *internet*, essa página virtual publica *memes* do estilo imagem fixa com legenda, alvo de reflexão da língua de acordo com a Pedagogia da Variação Linguística. Os resultados revelaram variações nos níveis (morfofonêmico; morfossintático; discursivo, semântico e lexical) do sistema da língua em que duas ocorrências foram pertinentes: o enfraquecimento de sons fricativos representado nos *memes* pela letra “r” (variação fonético-fonológica) e a não-marcação da concordância nominal de plural (variação morfológica e sintática). Essa conclusão, somada à proposta de intervenção pedagógica (desenvolvimento de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas envolvendo os *memes*), ratificam terem potencial para serem utilizados como ferramentas de reflexão sobre a língua, bem como suas variações.

PALAVRAS-CHAVE: *Meme*. Língua Portuguesa. Variação linguística.

Recebido em 4 de janeiro de 2022.

Aceito em 26 de abril de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.595>

*Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) Sobral/CE, alexfrançais2003@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-2244-5268>

**Escola Estadual de Educação Profissional Gerardo José Dias de Lioioli, lailtonferreiras@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6028-4602>

ABSTRACT:

In this article, we analyze how memes from the “Pai do Pingu” page on Facebook can be used to study linguistic variation in Portuguese language classes. Using a typical language from Ceará adapted to the dynamic and diverse context of the Internet, memes in a fixed image style with captions are posted on this virtual page for linguistic reflection in the spirit of the pedagogy of linguistic variation. The results show variations at the different levels (morphophonemic; morphosyntactic; discursive, semantic and lexical) of the linguistic system, with two occurrences of importance: the weakening of fricatives represented by the letter “r” in the memes (phonetic-phonological variation) and the non-marking of the agreement with the plural noun (morphological and syntactic variation). This conclusion, combined with the proposal of a pedagogical intervention (development of linguistic, epilinguistic and metalinguistic activities involving memes), confirms that they have the potential to be used as tools for reflection on language and its variations.

KEYWORDS: Meme; Portuguese language; Linguistic variation.

Introdução

Dentre tantas mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos, uma das mais perceptíveis se centra na própria comunicação. Hoje em dia, com o acesso mais democrático a dispositivos que têm acesso à *internet*, as pessoas podem interagir tanto de forma síncrona quanto assíncrona por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, redes sociais, sítios eletrônicos, *e-mails*, dentre outras possibilidades. Nesses espaços virtuais circulam textos de conteúdos diversificados. Assim, o uso da língua no meio digital propiciou a atualização da comunicação como mais um recurso linguístico de interação.

A língua vai muito além de um conjunto de regras a serem seguidas ou como um sistema acabado, estável. Trata-se de um fenômeno dinâmico, manifestado em diversos domínios, diversas situações comunicativas e, com o acesso e uso da *internet*, isto não se deu de forma diferente, haja vista a realidade de envolvimento com a tecnologia de boa parte das pessoas.

O professor de Língua Portuguesa (doravante LP) deve conhecer esses novos espaços e olhar criticamente para as variadas formas de comunicação que se apresentam em meio digital, de modo a relacionar conhecimentos

teóricos aos práticos. Os *memes*, gêneros digitais com estruturas não muito padronizadas, são exemplos de recursos que podem ser estudados na sala de aula por serem muito populares e, sobretudo, acessíveis em meio virtual. Um dos fatores que os fazem ser vistos assim é a identificação dos usuários da *internet* com os textos apresentados neste suporte.

Os *memes* são gêneros textuais presentes no ambiente digital, que materializam a língua de uma dada comunidade. Neste sentido, a página do *Facebook* “Pai do Pingu”¹ expõe *memes* que trazem fatos linguísticos cearenses. Essas formas textuais têm como propósito enunciativo gerar humor por meio de situações cotidianas vividas no Ceará, representadas em imagens extraídas de uma animação de TV.

Dessa guisa, eis os nossos questionamentos: Qual a relação existente entre a língua e a identidade cearense nestas manifestações linguísticas por meio da *internet*? Que tipos de variações linguísticas podem ser identificadas? Como aproveitá-las de modo a desenvolver atividades de linguagem, em sala de aula, para que os alunos potencializem suas competências comunicativas, além de refletirem e analisarem a própria língua?

Assim, analisamos de que forma os *memes* do *Facebook* “Pai do Pingu” podem ser potenciais ferramentas de interação sociocultural para se utilizar no trabalho reflexivo acerca das peculiaridades do fenômeno linguístico nas aulas de LP. Em face disto, verificamos a relação existente entre a língua e a identidade, de modo a desenvolver tanto práticas discursivo-pedagógicas acerca do fenômeno da variação linguística no contexto da Educação Básica, quanto proporcionar a reflexão sobre o uso da língua, tendo em vista as situações de interação comunicativa.

Esta investigação é relevante para os profissionais que trabalham com a língua materna no sentido de chamar a atenção para um olhar crítico

1 O endereço da página citada está disponível em: <<https://www.facebook.com/Opaidopingu/>>. Acesso em 23/12/2020.

sobre as variadas formas de linguagens manifestadas no ambiente virtual que podem ser transpostas para suas metodologias.

1. Base teórica

Língua e linguagem, de acordo com as visões de Lyons (1987) e Saussure (2006), estão imbricadas, já que o primeiro, em seu texto, caracteriza o papel do cientista da linguagem que é lidar com as línguas naturais, identificando aspectos semelhantes entre elas, os quais não se apresentam em outros sistemas de comunicação a fim de aplicar o conceito de “língua” a cada uma delas; e o segundo entende a linguagem como pertencente a dois domínios distintos, o social (*langue*) e o individual (*parole*). Para o docente de Língua Portuguesa, conhecer os conceitos de língua e linguagem é primordial, pois a maneira com que ele entende essas noções implica diretamente na metodologia de suas aulas.

No início do século XX, o caráter científico da Linguística se estabeleceu a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure, em seu famoso livro póstumo “Curso de Linguística Geral”. Dessa forma, a língua passa a ser vista como objeto passível de descrição científica. No entanto, as reflexões acerca da língua e da linguagem já eram realizadas muito tempo antes. De acordo com Marcuschi (2008a, p.26), “a linguística teve início há mais de 2.500 anos, na Índia, com Panini”. Paralelamente às contribuições do indiano, estudos da linguagem eram feitos na Grécia Antiga, tendo influenciado a elaboração de gramáticas ao longo dos anos.

Um ponto relevante levantado sobre isso é de que a “ideia de arbitrariedade do signo e de seu caráter representacional vem de Platão e Aristóteles, que levantaram os pilares da semântica e da sintaxe” (MARCUSCHI, 2008a, p. 26). O autor destaca o século XIX, quando os neogramáticos e comparatistas procuravam por leis gerais subjacentes às línguas naturais. Todo o conhecimento acumulado anteriormente influenciou o pensamento do mestre genebrino. Dentre muitos aspectos teóricos,

Marcuschi (2008a, p.27) destaca que a língua: “(i) é uma instituição social e não um organismo natural; (ii) é uma totalidade organizada; (iii) é um sistema autônomo de significação; (iv) pode ser estudada em si e por si mesma; (v) é um sistema de signos arbitrários; (vi) é uma realidade com história”.

Ferdinand de Saussure deu à Linguística a qualidade de ciência, tendo sido um revolucionário científico, cujos efeitos de sua revolução influenciaram um grande número de estudiosos que o sucederam. Ele provocou uma ruptura com o enfoque que dominava as investigações em relação às línguas no século XIX, mais especificamente a Linguística Histórica. De acordo com Ilari (2004), a compreensão da linguagem, nesse momento histórico, estava sendo influenciada pelo darwinismo, isto é, pela língua ser vista como um organismo natural, a exemplo de uma planta ou de um animal, que nasce, cresce, desenvolve e morre, a teoria da evolução das espécies seria aplicada, de igual modo, à língua. Assim, as mudanças observáveis, ao longo do tempo, entre duas fases de uma mesma língua evidenciariam o seu caráter natural e, por conseguinte, a sua dependência às leis da natureza.

A mudança de atitude feita por Saussure em relação à compreensão dos fenômenos linguísticos é fundamentada pela noção de valor, que é compreendida a partir da propriedade opositiva dos elementos constituintes do sistema da língua - em termos saussurianos, chamados de signos linguísticos. O signo é composto por um significante (a percepção psíquica de seu som) e por um significado (o sentido psíquico e automático, ligado a uma unidade linguística). Em outras palavras, o valor não se manifesta a partir da materialidade desses signos, muito menos por meio da suposta relação natural entre o significante e o significado. O valor é dado a um determinado signo, quando este é posto em oposição a outros signos do mesmo sistema, levando em consideração relações sintagmáticas e paradigmáticas (ILARI, 2004).

Desse modo, a língua (*langue*), na visão de Saussure, é um sistema estruturado em que de um lado está a estrutura, de caráter social, compartilhada nos cérebros de indivíduos de uma mesma comunidade linguística, cuja língua é um fato social com regras convencionadas, isto é, acordadas tacitamente por

grupo social e, do outro, a fala (*parole*), que são as manifestações concretas do sistema em situações reais de comunicação e entendida como um evento individual que deixa transparecer a materialidade do objeto linguístico. Para o linguista, o foco da investigação deve ser apenas esse sistema virtual, no sentido de ser abstrato, bem como suas relações internas. Dessa forma, questões de ordem extralinguística são desconsideradas (COSTA, 2018).

Muitos teóricos foram influenciados pelos postulados saussurianos, a exemplo de Noam Chomsky, cujas concepções de linguagem foram desenvolvidas em dois conceitos: competência x desempenho, conforme Oliveira (2010). O primeiro diz respeito ao conhecimento que um indivíduo possui sobre as estruturas gramaticais internalizadas da língua. Já o segundo refere-se à capacidade de usar a língua em situações reais. Não desconsiderando as contribuições dos linguistas estruturalistas, os cientistas que se opuseram a eles, nesse período da história da Linguística, buscaram analisar os usos e os funcionamentos da língua em episódios concretos.

Nesse prisma, todos os elementos tais como: a História, a cultura, a sociedade, as ideologias, as identidades, os sujeitos, os variados contextos de produção e recepção de textos etc. relegados na concepção estruturalista de língua passaram a ser valorizados.

Desse modo, conforme Marcuschi (2008a), a Linguística, na segunda metade do século XX, se aliou a outras disciplinas para melhor compreender as relações extralinguísticas, logo, proporcionou o aparecimento de ramificações interdisciplinares, como a Linguística Textual; a Análise do Discurso; a Análise da Conversação; a Psicolinguística; a Etnografia da Comunicação; a Etnometodologia e a Sociolinguística.

No que tange à “virada pragmática”, Oliveira (2010) cita alguns autores relevantes que colaboraram para o entendimento da língua como uma atividade sociointerativa, considerando aspectos salientes no que se refere aos seus diversos usos e ao seu funcionamento: Dell Hymes – que cunhou o conceito de competência comunicativa, para que um falante use a língua, ele deve não só conhecer as regras linguísticas, mas também as

regras sociais de uso dela, de modo a adaptar-se às situações comunicativas; William Labov que fincou a sociolinguística – estuda a relação entre língua e a sociedade – no campo dos estudos linguísticos; John Austin e John Searle que colaboraram para a popularização da pragmática, mais especificamente a categorização dos atos de fala; Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Dressler, que desenvolveram noções importantes de texto, caracterizando-o como uma atividade de interação sociocultural, dentre outros.

Portanto, no que diz respeito às aulas de LP, quando o docente prioriza a língua a ser ensinada como um sistema estável, uma estrutura cujo padrão não muda, o processo de ensino/aprendizagem permeia apenas a gramática prescritiva, dando ênfase à nomenclatura, às exposições sem sentido para o aluno. Por outro lado, quando a língua é considerada como uma atividade interativa, abrem-se muitas oportunidades para se trabalhar com a linguagem, pois se busca abranger os variados contextos e/ou situações comunicativas e o aluno passa a ser um sujeito ativo na compreensão e produção dos próprios textos. Desse modo, as metodologias de trabalho baseadas na língua devem priorizar a análise e reflexão do uso.

É inquestionável a conexão entre linguagem e sociedade. Sendo assim, alguns apontamentos sobre a Sociolinguística são necessários, haja vista esta área ter surgido, conforme Alckmin (2012), em um congresso intitulado *Sociolinguistics*, organizado por William Bright na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), realizado em 1964, cujo propósito era reunir os estudiosos para entender a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais, pois relacionaram os pressupostos linguísticos com o conhecimento produzido pelas ciências sociais, dando à Sociolinguística um caráter interdisciplinar, contudo “Labov (2008 [1972]) entende que a relação de covariação entre língua e sociedade [...] é encarada como metodologicamente indispensável, não como mero recurso interdisciplinar”, conforme Camacho (2016, p. 464).

Labov conclui, em 1964, sua investigação sobre a estratificação social do inglês em Nova Iorque e fixa um modelo descritivo e interpretativo da

língua inserida em um contexto social de comunidades urbanas, conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação (ALCKMIN, 2012). Conforme ponderam Coan e Freitag (2011), o objeto de análise da Teoria da Variação é a variação e mudança linguísticas observáveis no interior de um dado contexto social da comunidade de fala ou comunidade linguística, em que regras são vinculadas à natureza linguística (gramática da língua) e à ordem social (estratégias convencionais de comportamento linguístico, como, por exemplo, formas polidas).

Por conseguinte, Labov compreende o fenômeno linguístico como algo heterogêneo, variável, dinâmico de modo que se estabelece uma ruptura com as óticas saussuriana e chomskyana de língua. Busca descrever a heterogeneidade a partir do sistema, interpretando as variações sistemáticas, ou seja, modos alternativos de dizer a mesma coisa, o mesmo significado referencial (LABOV [1972] 2008, p. 78). Nas palavras de Coan e Freitag (2011, p. 176) em consonância à Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável). Um exemplo de regra variável no Português Brasileiro é: duas variantes “rei” e “velho” para a mesma significação “idoso, pessoa de idade avançada” (variável). É importante ressaltar que, linguisticamente, as duas variantes têm o mesmo valor, contudo, isso pode mudar se levar em consideração a questão social.

1.1 Os tipos de variação linguística

A variação é um fenômeno inerente a todas as línguas vivas do mundo. Assim sendo, é necessário categorizá-la no intuito de melhor compreendê-la. Comumente, na literatura sociolinguística, as variações podem ser classificadas como: *diacrônica*; *diatópica*; *diastrática*; *diafásica*, *diamésica*. A primeira diz respeito às variações observáveis entre dois estágios de uma dada língua no tempo e, por isso, também pode ser chamada de **variação**

histórica, a exemplo da alteração na palavra latina “semper” que se tornou “sempre”.

A **variação diatópica ou geográfica** “está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas” (ALCKMIN, 2012, p. 36). Por exemplo, no plano fonético, as diferenças de sotaque para a palavra “dia”. Em algumas regiões do Brasil, essa palavra é pronunciada com o som africado vozeado /^dz/, enquanto em outras se pronuncia a oclusiva /^d/.

A **variação diastrática ou social** “relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala” (ALCKMIN, 2012, p. 37), cujos fatores extralingüísticos são: classe social; sexo; idade; situação ou contexto social. Notamos que, segundo a autora, a **variação diafásica** também se inclui nesse conjunto porque se refere aos variados estilos e registros que o falante utiliza em diferentes contextos sociais.

Essas variações externas ao sistema linguístico, de acordo com Bagno (2007), podem ser verificadas dentro de todos os níveis da língua: fonético-fonológico; morfológico; sintático; semântico; lexical e estilístico-pragmático. De acordo com Alckmin (2012, p. 33), “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. Todavia, essa vertente também pode descrever e analisar a linguagem escrita, pois o fenômeno da variação se manifesta tanto na oralidade quanto na escrita, já que Marcuschi (2008b, p. 17) destaca “exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante” em textos orais e escritos.

Nesse sentido, Coan e Freitag (2011) citam outro tipo de variação: a **diamésica** – que são as variações distribuídas por gêneros textuais em que, por natureza, exigem o emprego de uma variedade específica da língua. Por exemplo, nos artigos científicos, é esperado que o escrevente utilize a variedade-padrão. Por outro lado, em uma conversa com pessoas mais íntimas, um dado falante pode, em decorrência de um contexto mais livre, utilizar

uma variedade que se distancia da tida como culta. Para melhor compreender como as variações linguísticas se distribuem na sociedade, Bortoni-Ricardo (2004) apresenta três *continua*: o *continuum* de urbanização; o *continuum* de oralidade/letramento; e o *continuum* de monitoração estilística.

No *continuum* de urbanização, a autora propõe a categorização das manifestações linguísticas de acordo com o tipo de comunidade em que o indivíduo está inserido, sendo à esquerda do *continuum*, classificadas como rurais (mais isoladas e/ou periféricas ao centro urbano). À direita do *continuum*, as comunidades urbanas (concentrados os poderes e/ou privilégios econômicos, políticos, sociais, culturais etc). Em posição intermediária, os indivíduos, classificados como rurbanos (influências tanto do polo rural quanto do urbano em suas manifestações linguísticas), ou seja, são pessoas que, em algum momento da história, viveram um êxodo rural ou urbano e é uma forma de comparar as mudanças linguísticas entre os falantes de cada extremo, de forma geográfica (2004, p. 51-61).

O segundo *continuum*, da oralidade para o letramento, trata das diferentes práticas sociais que permeiam as esferas da sociedade. Nas várias situações comunicativas, é exigido do indivíduo o apoio em algum gênero textual para que a interação atinja seus propósitos. Desse modo, à esquerda do *continuum* (atividades sociais prototípicas - o indivíduo utiliza o canal vocal-auditivo como meio de comunicação em conversas espontâneas do cotidiano). À direita do *continuum* (eventos comunicativos, um texto escrito em que o indivíduo se baseia, por exemplo, uma defesa de tese, a leitura de uma ata etc). No entanto, não existe uma fronteira bem definida entre um e outro *continuum* porque, em determinados eventos comunicativos, podem-se emergir tanto os gêneros orais quanto os escritos (2004, p. 61).

O terceiro e último *continuum* – monitoração estilística – está relacionado às situações comunicativas de monitoramento da fala e da escrita de um indivíduo, adaptando-se ao contexto em que a interação acontece, utilizando diferentes estilos ou registros (variação estilística). Alguns dos fatores que possibilitam tal comportamento frente à linguagem

são: o grau de intimidade entre os interlocutores, o grau de formalidade dos eventos enunciativos, os domínios discursivos etc. À esquerda do *continuum* (ocasiões de menos monitoramento no que diz respeito ao seu comportamento linguístico, por exemplo, conversas familiares). À direita desse *continuum* (estilos mais monitorados característicos de situações formais cuja circulação de conhecimentos técnicos é prevista) (2004, p. 62).

As linhas imaginárias detalhadas anteriormente servem como norte para o professor de Língua Portuguesa saber identificar as dificuldades do aluno, bem como poder direcioná-lo, enquanto agente social e tornar compreensível a diversidade linguística e cultural dos discentes. Assim sendo, o fenômeno da variação linguística se apresenta no Português Brasileiro de diferentes formas e o docente desse campo de estudos precisa se aprofundar nas peculiaridades do sistema linguístico, haja vista ser relevante partir do sistema para explicar a variação da língua e, posteriormente, relacionar com outras possibilidades de trabalho pedagógico que levem em consideração o papel ativo do discente, de modo a explicar a variação linguística a ser entendida como uma ferramenta de interação por meio da qual o aluno expressa sua realidade linguístico-social.

Face ao exposto, a Sociolinguística abrange, em suas investigações, os aspectos identitários do sujeito. Logo, língua e identidade estão imbricadas, ou seja, a partir da observação do falar ou do escrever de um indivíduo, podemos, em certa medida, identificá-lo (região de origem, crenças, gostos musicais, cultura, entre outros aspectos). Martins e Oliveira (2020, p. 124) ressaltam que a língua é, por excelência, um elemento identificador da sociedade, haja vista ser moldada por cada cultura para ser espelho dos seus falantes [...], assim como a identidade linguística pode ser vista como um portal pelo qual podemos chegar a um determinado território, cultura e ideologia.

Consonante a esse ponto de vista, um indivíduo, nascido e/ou residente no/do Estado do Ceará, ao agir linguisticamente, evidenciaria sua identidade enquanto cearense. No entanto, o falante cearense, como um ser social que é, a partir das relações que estabelece com o mundo pós-moderno - interações

essas facilitadas pelas tecnologias emergentes - está sendo constantemente atingido por inúmeros discursos e/ou textos que refletem essa transformação radical provocada pelo processo de globalização.

O mundo experimenta mudanças em várias instâncias sociais e, conseqüentemente, as pessoas estão se adaptando a esse movimento. Essas mudanças significativas, características do pós-modernismo, possibilitam que o indivíduo possua não uma, mas várias identidades condizentes com os seus propósitos circunstanciais. Como afirma (MARTINS; OLIVEIRA, 2020, p. 124): “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Nesse prisma, as identidades linguísticas características do cearense, evidenciadas por meio da língua (falada ou escrita), decorrentes das influências de instituições políticas, sociais, culturais etc., também refletem a intersecção cultural, representativa da contemporaneidade, que implica na mudança de suas maneiras de se expressar linguística e socialmente.

Assim, o professor de Língua Portuguesa deve estar atento a essas questões atuais, entendendo o discente como um ser heterogêneo, diverso, mutável e não unificado, estático, invariável. Dessa forma, o trabalho com a língua e, por conseguinte, com o fenômeno da variação, tem que considerar essa pluralidade no que tange às variedades linguísticas que se fazem presentes em uma dada comunidade e não enxergar a variação como algo caricatural, isolado, sem importância, mas como objeto de reflexão.

Em um mundo marcado por identidades, sejam elas fundamentadas em ideologias diversas, proliferadas pelas instâncias poderosas, sobrepondo-se ou não às outras, excluindo e rejeitando tudo aquilo que delas se distingue, há a necessidade de se valorizar a expressão da cultura e língua ante a essas forças discriminatórias e opressoras, no que apresentamos o nosso objeto de análise: *memes* extraídos da página do Facebook “Pai do Pingu”. Atualmente, essa página possui 261.330 seguidores e, tal como a página “Suricate

Seboso”², tem a mesma proposta³ de compartilhar situações do cotidiano do povo cearense, trazendo em suas publicações uma linguagem característica dos habitantes da “Terra da Luz”.

Descrever conceitos importantes da área da Linguística, de modo que o professor de LP conheça o sistema linguístico, bem como suas abordagens, a fim de colocar em prática atividades baseadas em análises sociolinguísticas é o que desejamos com este artigo.

1.2 Considerações sobre o gênero textual/digital

Uma das propriedades mais notáveis do fenômeno linguístico é a capacidade de transferir-se de um meio para outro. De acordo com Lyons (1987), o conceito de meio se contrasta com o conceito semiótico de canal, logo, são distintos. Tanto a língua falada quanto à língua escrita podem se processar em canais diversos, cujos limites são impostos pelas convenções sociais estabelecidas nas condições de funcionamento da atividade verbal, ou seja, os gêneros constituem modelos específicos de texto, diferentes entre si e controlados pelas próprias convenções, segundo Antunes (2009, p 211). Por exemplo, na televisão ou na *internet* é possível encontrar textos escritos de várias naturezas, como anúncios, notícias, artigo de opiniões etc.; bem como textos falados, tais como reportagens ao vivo, entrevistas, vídeos no *Youtube*, vídeos no *Facebook*, entre outros, cujas distinções estruturais e funcionais são perceptíveis nessas modalidades linguísticas (oral e escrita), a fim de satisfazer o elo comunicativo.

2 Disponível em: <<https://www.facebook.com/suricateseboso>>. Acesso 28/12/2021.

3 Para mais informações sobre a página do Facebook “Suricate Seboso” ver artigo PEREIRA, Maria Lidianie de Sousa; PEREIRA, Leydiane de Sousa. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MEMES DO SURICATE SEBOSO: BREVES CONSIDERAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Web Revista SOCIODIALETO, [S.l.], v. 10, n. 30 SER.2, p. 277 - 305, jul. 2020. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/245>>. Acesso 28/12/2021.

Nessa perspectiva, a língua se materializa em textos falados e/ou escritos e esses mesmos textos se estruturam em gêneros discursivos para atender os muitos objetivos de comunicação que, essencialmente, estão ligados aos variados domínios discursivos presentes na sociedade. Marcuschi (2008a, p, 155) define os gêneros textuais como entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, exemplos: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, [...] carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante.

Para Cavalcante (2012, p. 51), os gêneros são passíveis de sofrerem alterações em decorrência das práticas sociais e das imposições convencionadas pelo meio em que eles se propagam. Essas mudanças genéricas, ao longo do tempo e diante de práticas situadas, podem se apresentar em alguma dessas propriedades: estrutura, conteúdo, suporte, estilo etc. Sobre a definição de suporte, Marcuschi (2008a) o conceitua como “... um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (2008a, p. 174).

Araújo (2010, p. 113) divide os gêneros em dois grupos: os primários e os secundários. Os gêneros primários são característicos das situações de comunicação espontâneas, a exemplo do “diálogo cotidiano” e da “carta”. Já os secundários relacionam-se às situações enunciativas, características de uma cultura mais “complexa” e “evoluída”, cujos enunciados se manifestam principalmente por meio da escrita, a exemplo do “romance” e do “discurso científico”. O exemplo da carta, no primeiro grupo, deixa transparecer que um gênero escrito pode se aproximar estruturalmente de um gênero da língua falada.

Marcuschi (2008a) trata da relação fala - escrita nos gêneros textuais, em que apresentam aspectos em comum os gêneros *carta pessoal, bilhete casual, telefone pessoal e conversação espontânea*, os quais podem ser revelados por meio de seleções morfossintáticas, na natureza do léxico, bem como no grau de atenção aos recursos linguísticos empregados durante o

processo de enunciação, de acordo com as características específicas de cada modalidade.

Com o advento da tecnologia, novas formas de comunicação surgiram e, conseqüentemente, novos gêneros, conhecidos em meio virtual como digitais, a exemplo do *e-mail* (endereço eletrônico), da aula virtual, do *weblog*, do bate-papo virtual e do *meme*, este último objeto de nossa investigação. Marcuschi (2010) trata da emergência desses gêneros em contexto digital, cujos enunciados são relativamente variados, tendo em vista a versatilidade dos ambientes virtuais, mas apresentando a maioria deles similitude de forma e/ou de função por se tratar da modalidade oral e escrita da linguagem.

Essa flexibilidade do meio virtual é mais evidente através do que é conhecido como hipertexto. Xavier (2010, p. 208) esclarece essa noção em: “Por **hipertexto, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade** [grifos do autor].” O gênero *meme*, assim como outros gêneros digitais, manifesta, em sua composição, essa hipertextualidade, pois mescla diferentes formas de linguagem, tais como: textos; imagens; sons etc. gerando, então, efeitos de sentido que se relacionam com os seus propósitos enunciativos, o que implica investigação sobre o uso.

1.3 O gênero textual *MEME*

Os *memes* são formas textuais bastante populares no ambiente virtual. As pessoas têm contato com esses enunciados por meio de suas redes sociais (*Twitter, Facebook, Instagram, WhatsApp* etc.). Dada a dinamicidade desse contexto tecnológico, os *memes* se comportam de maneira diferenciada comparando-se a outros gêneros digitais como, por exemplo, o *e-mail*. Esse diferencial se dá a partir de suas composições estruturais não muito padronizadas. Desse modo, a maneira mais fácil de classificar um *meme* é atentar-se ao seu propósito comunicativo. Por sua vez, Rocha (2020, p. 40)

destaca que esta estrutura apresenta potencial de gerar humor, proporcionar uma crítica, além do caráter replicativo, com elementos verbais e não verbais interligados.

De modo a relacionar a linguagem verbal com a não-verbal, os *memes* que compõem o *corpus* desta análise têm como propósito comunicativo gerar humor, pois trazem situações que apresentam os saberes linguísticos cotidianos, de forma lúdica, de uma comunidade linguística: a cearense. O termo “*meme*”, segundo Lima-Neto (2014, p. 111), foi elaborado pelo zoólogo Richard Dawkins, em analogia à teoria desenvolvida: *a do gene egoísta*, ligada estritamente à Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin. Richard definiu “*meme*” como uma unidade de transmissão cultural, ou unidade de imitação. ‘*Mimeme*’ vem da raiz grega adequada, mas ele queria um termo próximo de ‘gene’ [...] e, alternativamente, a palavra ‘*meme*’ guarda relação com ‘memória’ ou com a palavra francesa *même*.

Lima-Neto (2014, p. 112) define os *memes* como ideias, unidades culturais de imitação que, se aceitas como relevantes para uma espécie, são repassados de cérebro para cérebro. Então, baseada na analogia proposta, os *memes* também têm as mesmas características dos genes: longevidade, fecundidade e fidelidade da cópia. A primeira diz respeito ao tempo que um dado *meme* permanece em uma cultura, sendo ele efêmero ou relativamente permanente. A segunda característica refere-se à capacidade do *meme* de gerar cópias. Já a terceira compreende a habilidade do *meme* em gerar cópias mais ou menos fidedignas com o original.

Depois de apresentar o referido termo, é relevante salientar que essas formas inovadoras de comunicação no meio virtual passaram a ser denominadas de *meme*, dado o seu caráter dinâmico no ambiente virtual. Rocha (2020, p. 59) apresenta uma classificação complexa e ainda bastante difusa, uma vez que se pode conciliar texto verbal, imagens, vídeos e sons, que passaram a se espalhar na *internet*. No entanto, o autor descreve-os em 5 (cinco) tipos: 1- *meme* imagem fixa com legenda; 2 - *meme gif* animado; 3- *meme print* (captura de tela); 4 - *meme* vídeo e 5 - *meme* frase.

Rocha (2020) descreve o *meme imagem fixa* como uma conexão estabelecida entre uma imagem ou ilustração e uma frase de efeito, de modo a atingir o propósito comunicativo. Já o *meme gif animado* apresenta um compilado de muitas imagens no formato GIF (Formato de Intercâmbio de Gráficos) que possibilitam o efeito de movimento. Segundo o mesmo autor (2020, p. 53), “... eles têm um efeito parecido com o *meme* de imagem e legenda, com o diferencial de conter o movimento, o que pode propor novos efeitos de sentido.” O tipo *meme print* refere-se à captura de tela de mensagens, a partir dos sites de relacionamentos variados, cujo conteúdo das mensagens tem a finalidade de atrair a atenção dos usuários a partir de suas manifestações/identificações com traços humorísticos, críticos, irônicos etc.

Sobre o *meme vídeo*, o autor descreve-o como vídeos virais com conteúdo cômico extraídos de mídias diversas como a televisão, o cinema, redes sociais, entre outras. E, por último, o *meme frase*, que são frases proferidas por alguém (pessoa pública ou não) extraídas de contextos originais (novelas, entrevistas, eventos públicos etc.) adequando-se a situações distintas com o intuito de gerar humor, tais como os bordões (2020, p. 51-58). Destacamos o objeto de nossa análise – o gênero *meme* – e suas características mais notáveis, originário do ambiente virtual e bastante popular entre os letrados digitais, dentro os quais os jovens. Em sendo a *internet* uma realidade dos discentes, o professor de LP deve aproveitar as possibilidades de análise textual decorrentes do uso variável da língua.

2. Procedimentos metodológicos

Selecionamos cinco *memes* da página do *Facebook* “Pai do Pingu” no sentido de propor atividades de reflexão linguística sobre a variação nas aulas de Língua Portuguesa. A nossa hipótese é a de que os *memes* dessa página são potenciais instrumentos para se trabalhar a variação linguística. Decidimos os critérios para a seleção dos *memes*: a) formas textuais não estarem adequadas à norma-padrão; b) número de vocábulos superior a 3, no que consideramos

serem significativos, tendo em vista não ser individualizado, logo, uma composição; e c) terem sido postados na referida página *Facebook* no ano de 2020, com o intuito de representar a linguagem mais atualizada dos cearenses para fins de observação e descrição.

O interesse em investigar esses *memes* surgiu a partir da observação da linguagem apresentada com desvio da norma-padrão, mas compreendida pelos seguidores (interlocutores), o que nos levou a pensar no objeto de estudo para as aulas de LP, já que o aluno é um comunicador, um sujeito ativo e consciente da língua que utiliza. A página do *Facebook* “Pai do Pingu” foi criada no dia 16 de fevereiro de 2016 e categorizada pela rede social como “Personagem Fictício”.

Nesse sentido, verificamos como se manifesta essa linguagem verbal dos *memes* que possibilita a operação de seu propósito comunicativo. Segundo, identificamos os tipos de variação linguística nos diferentes níveis (morfofonêmico, morfossintático, lexical e discursivo) da língua. Terceiro, separamos os vocábulos/expressões que poderiam evidenciar variação. Quarto, correlacionamos os tipos de variação linguística aos vocábulos/expressões e ao referencial teórico lido, o qual trata da Pedagogia da Variação Linguística. E por fim, elaboramos uma proposta pedagógica a partir dos *memes* da página do *Facebook*.

3. Análise: variação linguística nos *memes* do “Pai do pingu”

Além da linguagem característica do falante cearense, o autor dos referidos *memes* utiliza algumas imagens capturadas da série de TV de animação “Pingu”.⁴ Desse modo, em conformidade com os tipos de

4 Pingu é uma série de televisão de animação voltada para o público infantil suíça-britânica, feita utilizando uma técnica de animação chamada claymation, criada por Otmar Gutmann e produzida de 1990 a 2006 para a televisão britânica pelo The PygosGroup (anteriormente TricksfilmStudios e PinguFilmstudio). Centra-se em uma

variação apresentados por Alckmin (2012), os *memes* em questão podem ser categorizados como manifestações da variação diatópica, pois eles apresentam uma linguagem específica de uma região geograficamente situada. Quanto ao proposto por Rocha (2020), essas formas textuais podem se enquadrar no tipo *meme* imagem fixa com legenda. Então, a partir desse ponto, iniciamos a análise para verificar que tipos de variação linguística se encontram nos *memes*. Vale a ressalva de que nossa análise diz respeito à linguagem verbal, posto isto, vejamos a imagem 1:

Imagem 1: Meme do Pai do Pingu



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Opaidopinguo>>. Acesso em 23/12/2020.

família de pinguins antropomórficos que vivem no Pólo Sul; o personagem principal é o filho da família e o personagem-título, Pingu. A série original teve no total 157 episódios e foi exibida de 7 de março de 1990 a 3 de março de 2006 na BBC Two. Pingu ganhou um prêmio BAFTA. [...] No Brasil foi exibido pelos canais de TV aberta: TV Brasil, TV Cultura e Nick Jr.. Atualmente é exibido no Gloobinho. Informações extraídas da plataforma Wikipedia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pingu>>. Acesso em: 05/01/2021.

No *meme* apresentado na imagem 1, notamos um só vocábulo “oi”, suprimido a partir da expressão “olha aí”, resultado de formas em competição, variando morfofonemicamente. No que tange à variação fonético-fonológica, percebemos a vocalização da lateral palatal [ʎ], representada na Língua Portuguesa pelo dígrafo ‘lh’ para a semivogal [j].

Encontramos, também, a palavra “piseiro”, variante da expressão “piseiro”, que, de acordo com o Dicionário Informal⁵, trata-se de um regionalismo para se referir à festa animada ou forró. Atualmente, esse termo também significa um subgênero musical do forró. A variação fonético-fonológica se dá pelo apagamento da semivogal [j] no ditongo decrescente [ej], cujo processo linguístico se refere à monotongação.

A forma “mimsina”, variante da expressão “me ensina”, registro de variação mórfica e sintática evidencia a tendência do falante ou escrevente em substituir o pronome clítico átono “me” pela forma tônica “mim”, esta, de acordo com a gramática prescritiva, deveria ocorrer apenas após uma preposição. Então, trata-se de uma variação no nível morfossintático, pois o pronome “mim” tem a função de objeto indireto, enquanto o pronome “me” tem a função de objeto direto.

No que se refere ao plano discursivo, destacamos as expressões “mah” e “rala”, que, correspondem a “macho” e “vai lá”, respectivamente. O vocábulo “macho” e sua variante são vocativos corriqueiros nos diálogos cotidianos do cearense. Na forma abreviada “mah”, o autor do *meme* utiliza um recurso comum no ambiente virtual para representar o acentoônico neste monossílabo – o uso da letra “h”, desprovida de som, mas com um uso bastante recorrente no ambiente virtual para representar a acentuação gráfica em uma vogal e/ou a supressão de uma sílaba como no caso de “cho” em /macho/, tal como ocorre em “eh”, variante da forma verbal “é”.

5 Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/piseiro/24949/>>. Acesso em 05/01/2021.

O vocábulo “rala”, nesse contexto, significa “por favor”, no que para além do contexto semântico indicado, podemos analisar a forma “rala” em contexto mórfico, quando se deveria escrever “vá lá”, no que ocorre, também, o processo de rotacismo, isto é, a troca do “v” pelo “r”, além das supressões de acentos gráficos apenas presentes na escrita e ausentes na fala. Considerando a variação fonético-fonológica, notamos a ocorrência do fenômeno de enfraquecimento do som fricativo labiodental sonoro [v], tornando-se o som glotal [ɦ], frequente no falar cearense, conforme o trabalho de Rodrigues (2018); Roncarati e Uchoa (2014, p. 12), haja vista “o som enfraquecido que se ouve em lugar de /v/, /z/ e /ʒ/ pode ser geralmente transcrito como [ɦ], fazendo parte de uma família de sons que tem, na fala cearense, membros como [h],[χ], [ʁ], [x] e [ɣ] - o grafado por *rr* ou *r* inicial de palavra [...] na realização de fricativa surda ou sonora produzida na região do véu palatino (porta [ˈpoxtə]), da úvula (gordo [ˈgoʁdu]) e da glote (glotal – rádio [ˈɦadʒu]).”

No *meme* a seguir, representado na imagem 2, destacamos “num”, variante da contração do advérbio de negação “não”. No plano fonético-fonológico, identificamos o processo de monotongação, tendo em vista que o ditongo nasal [ãw] é desfeito tornando-se apenas a vogal nasal [ũ]. Verificamos, também, “ar simente”, em que percebemos dois tipos de variação, quais sejam: **no nível morfossintático**, evidencia-se a não marcação do morfema gramatical de número, que deveria ser representado, na norma padrão, pela letra “s” e, em seu lugar, há a consoante “r”. Esse tipo de variação é recorrente no falar do português brasileiro, assim como também a não realização de concordância nominal (flexão apenas do primeiro termo – “ar”), no que Camacho (2016, 467) apresenta algumas hipóteses para a ocorrência de tal fenômeno como (i) o baixo nível de escolarização e (ii) a situação estilística, pois há falantes mesmo com alta escolaridade não apliquem a regra de concordância nominal em todas as circunstâncias de uso.

Já no que tange ao outro tipo de variação, no **nível fonético-fonológico**, também é perceptível o fenômeno de enfraquecimento do som fricativo desvozeado [s], passando para [ɦ] na variante do artigo definido plural -

“ar”. No **nível lexical**, há a expressão “pe de pau” como sendo uma variante dos vocábulos “planta”, “árvore” etc. Por outro lado, no **nível discursivo**, identificamos “valeime”, sendo uma variante das construções “valha-me Deus” e/ou “Valei-me Deus”. Essas expressões de cunho religioso são muito corriqueiras na cultura cearense, tendo em vista a religiosidade e devoção aos santos e a Deus muito presente na região Nordeste.

Imagem 2: Meme do Pai do Pingu



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Opaidopingu>>. Acesso em: 23/12/2020.

A seguir, na imagem 3, notamos “bora”, variante do vocábulo “embora”, cuja expressão completa está acoplada em “vamos embora”. No entanto, em vez de designar a partida e/ou ida de alguém, denota uma ação com realização às pressas, de modo urgente, ou seja, temos um uso para determinada função comunicativa. Na forma “minino”, variante de “menino”, ocorre o processo de substituição da vogal “e” presente graficamente na norma-padrão, mas que se escuta a vogal “i”, cuja transcrição fonética se dá conforme o uso oral da língua.

Identificamos, também, as expressões “rei” e “ro” que correspondem, respectivamente, aos vocábulos “velho” e “vou”. Quanto à primeira forma – “rei”, percebemos a variação no **nível semântico**, pois tal forma não se

refere às noções de “idoso”, “antigo”; mas, na situação apresentada nesse *meme*, ela possui a semântica de “algo insignificante”, “nada demais” ou ainda “não te fará mal algum”. No **nível fonético-fonológico**, a forma “rei” sofreu primeiramente o processo de despalatização, passando do fonema palatal [ʎ] para a semivogal [j]; posteriormente, houve o enfraquecimento do som fricativo labiodental [v], resultando no surgimento do som glotal [h]. Este último processo também ocorreu na forma “ro” e, além disso, houve a apócope, processo no qual a semivogal [w] foi suprimida no final do vocábulo “vou”. Do mesmo modo, ocorreu com o vocábulo “enguiá”, que significa vomitar ou regurgitar (variação lexical); pois o morfema gramatical de modo -r- também não foi marcado morfologicamente.

Imagem 3: Meme do Pai do Pingu



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Opaidopingu>>. Acesso em 23/12/2020

Destacamos, também, as expressões “mainha” (imagem 3) e “nam” (imagem 3 e 4). A primeira trata-se da variante do vocábulo “mãezinha”, cujo processo fonético observado é a síncope, pois os fonemas [j] e [z], encontrados no meio da palavra, foram suprimidos. “Mainha” é um regionalismo do

nordeste brasileiro, utilizado em contextos familiares, sobretudo na região Sul do Ceará que faz fronteira com os estados da Paraíba e Pernambuco. No contexto do *meme*, a forma “nam”, presente tanto na imagem três, quanto na imagem quatro (a seguir), é uma variante recorrente em contexto oral do advérbio de negação “não”. Foneticamente, ocorreu o processo conhecido como monotongação, passando do ditongo nasal [ãw] para vogal nasal [ã], vejamos:

Imagem 4: Meme do Pai do Pingu



Fonte: <<https://www.facebook.com/Opaidopingu>>. Acesso em 23/12/2020

Identificamos, ainda na imagem quatro, as palavras “nam” e “djabo”. Em relação à primeira delas, percebemos funcionar como um marcador discursivo e em sendo-o, o plano de análise é a composição discursiva textual, reiterando a noção de negação acoplada a várias outras ideias como de “reprovação”, de “indignação”, de “revolta”, assim como também a marcadores discursivos: “tá?”, “né?”, “tipo” etc. Já no que se refere ao segundo vocábulo “djabo”, identificamos que se trata de uma variante de “diabo” em um contexto no qual a fonética é transposta para a escrita, o que não é usual,

já que na representação da escrita, vemos a consoante /j/. Foneticamente, podemos descrevê-la como [ˈdʒabw].

Sobre as propriedades da linguagem, observamos a incidência da produtividade, conforme a descrição de Lyons (1987). Os sons africados do Português Brasileiro (PB), geralmente, se realizam em contextos fonológicos antes da vogal [i], como nas palavras “dia” e “tia”, a exemplo de “diabo”.

No *meme* representado na imagem 5, identificamos as seguintes expressões: “be isso”; “trata”; “vei”; “fi”; e “de cumê”. A primeira trata da variante da construção “Que diabo é isso?”, que por sua vez, foi alterada para a construção “diabo é isso?”. Tal enunciado também é muito comum no falar cearense e está relacionado à crença religiosa. Nesse contexto, é usada como variante de “O que é isso?” - quando não se tem conhecimento sobre algo ou alguma situação. Assim, essa variação se evidencia no plano do discurso em uma composição textualmente usual. Notamos a eliminação dos fonemas iniciais (aférese), bem como o apagamento da semivogal [w], ligando-se ao verbo flexionado “é”, resultando em “be isso”.

Imagem 5: Meme do Pai do Pingu



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Opaidopingu>>. Acesso em 23/12/2020.

Sobre o vocábulo “trata”, verificamos um processo de apócope, por meio da supressão do morfema gramatical -r. Já em “vei”, variante de “velho”, identificamos a despalatização do fonema [ʎ] escrito com a semivogal [j], além do apagamento da semivogal [w]. No vocábulo “fi”, variante fonética de “filho”, identificamos o mesmo processo de despalatização e apagamento da vogal [u], ambos os termos (velho e filho) têm escrito em seu interior o dígrafo (lh) ocorrendo os referidos processos de despalatização e apagamento.

A expressão “de cumê” é uma variação lexical de “refeição”, “comida”, “alimento” etc. Nela, ainda é possível identificar o processo de apócope, tendo em vista a eliminação do morfema gramatical – r, indicativo de infinitivo, conforme a gramática prescritiva, e no que podemos mensurar haver um processo de gramaticalização quando de verbo “comer” passa a ser expressão prepositiva “de cumê”, o que sinaliza, também, um contexto discursivo íntimo, cuja interação envolve os interlocutores (mãe e filho).

Portanto, a análise feita a partir dos *memes* extraídos do Facebook “Pai do Pingu” apresentam diversos tipos de variação linguística, dos quais destacamos os níveis fonético-fonológico, morfológico, morfossintático, semântico, lexical e discursivo, cuja predominância de variação está no fonético-fonológico. Concluimos que o fenômeno da variação linguística nos *memes* reflete a identidade linguística do cearense, no que destacamos o enfraquecimento de sons fricativos, representado nos *memes* pela letra “r” e a não marcação da concordância nominal.

Desse modo, a análise evidencia que os *memes* são potenciais instrumentos para reflexão da língua, sobretudo, em sala de aula, como um recurso linguístico para afastar o preconceito da língua e inserir o aluno em atividades de retextualização, cuja comunicação decorre dos meios digitais vividos por uma grande quantidade de jovens e como uma estratégia encontrada para desenvolver o ensino de LP em ambientes virtuais, fazendo com que os alunos encontrem sentido em estudar a língua de uso.

A discussão realizada até esse momento ratifica que a língua é uma entidade social, dinâmica, flexível, variável etc. A análise dos *memes*

do *Facebook* “Pai do Pingu” mostrou que gêneros escritos também são constituídos de fenômenos de variação linguística. Nesse caso específico, as formas textuais observadas se aproximam da oralidade, mais precisamente, de situações comunicativas mais espontâneas. No *continuum* proposto por Marcuschi (2008a), os *memes*, por serem muito dinâmicos, podem ser colocados no conjunto de textos escritos com características estruturais da língua falada.

De igual modo, nos *continua* propostos por Bortoni-Ricardo (2004), as manifestações linguísticas dos *memes* podem estar associadas ao *continuum* de oralidade/letramento, porque para produzir um *meme*, na *internet*, tem de saber utilizar as redes sociais, tem de ser letrado digitalmente. Assim sendo, na linha imaginária, os *memes* estariam dispostos em um ponto intermediário, nos quais podem ser utilizados para um trabalho reflexivo sobre a língua e sua variação. Deste modo, apresentamos, como sugestão, atividades com o objetivo de ampliar a competência comunicativa dos alunos nas aulas de LP assim como torná-las mais dinâmicas do ponto de vista linguístico. De acordo com Araujo e Silva (2020, p. 2), o objetivo da pedagogia da variação linguística é conduzir os alunos para uma compreensão de língua baseada na realidade heterogênea, intrínseca às línguas e condicionada por aspectos sociais, históricos e culturais.

Logo, o trabalho do docente com qualquer gênero textual, tanto escrito como falado, deve levar em consideração a heterogeneidade linguística e sua relação com a sociedade. As aulas de LP não podem ser centradas unicamente em aspectos formais da língua, mas sim em (con) textos vinculados à realidade linguística do aluno, além de proporcionar-lhe o contato de seu objeto de ensino (língua) com outras disciplinas e áreas, a exemplo da Sociologia, História, Filosofia, Antropologia etc. Nesse sentido e a respeito do tratamento da variação linguística no contexto das aulas de LP em Anos Finais do Ensino Fundamental, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, 71), documento de referência para a elaboração dos currículos das escolas brasileiras, ratifica que os estudos metalinguísticos não devem

ser tomados como um fim em si mesmo, mas levando em consideração as práticas de reflexão pelos alunos, a fim de ampliarem a capacidade de uso da língua quanto à leitura e à produção.

Um ponto que não pode ser ignorado em atividades que envolvam a variação da língua é o preconceito linguístico o qual ainda é recorrente nos falantes de nosso país e está diretamente enraizado, também, no preconceito social. De acordo com Bagno (1999, p. 9), a confusão criada entre língua e gramática normativa se deu no curso da história, tendo surgido o preconceito linguístico, uma vez que receita de bolo, molde de vestido, mapa do mundo e a gramática não representam um bolo, um vestido, o mundo e a língua, respectivamente. O autor referenda a noção de língua como plural, heterogênea sob a égide de muitas facetas e que o professor de LP tem a responsabilidade social e pedagógica de conscientizar os alunos, a partir das teorias linguísticas, a adotar uma concepção de língua a partir da maneira como ele a enxerga, pois isso determinar como ele ensinará o PB, conforme Oliveira (2010, p. 32).

Segundo Santos *et al* (2012, p. 80), há duas possibilidades do professor de LP operacionalizar atividades de análise linguística: (i) classificatória e/ou explicativa em que se pode usar uma metalinguagem técnica; (ii) baseada na significação e nas funções dos recursos linguísticos e suas possibilidades de funcionamento textual-discursivo. Sobre a primeira possibilidade, as autoras explicam que a análise dos fatos linguísticos é baseada na indução quando da elaboração dos conceitos, ou seja, parte dos casos isolados para se chegar a regras mais gerais. A segunda possibilidade de análise contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa em que se verificam questionamentos sobre os significados e as funções dos elementos linguísticos.

A partir da teoria, apresentamos a nossa proposta de trabalho com a variação linguística a partir dos *memes* do *Facebook* “Pai do Pingu”. As atividades devem ter como público-alvo alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, preferencialmente, aqueles que estejam cursando 8º ou 9º Anos, mas isso não impede de haver outro público, por exemplo, os alunos

de Letras das universidades, que serão formadores. O objetivo da intervenção é desenvolver a competência sociolinguística dos alunos a partir do gênero *meme*, quanto instigá-los a não propagar o preconceito linguístico. Dividimos duas aulas em etapas, conforme os procedimentos a seguir.

Na primeira aula, o professor pode abordar o conceito de variação linguística, explicando que ela é inerente a todas as línguas vivas. Se desejar, pode apresentar vídeos que tratem do tema. Posteriormente, o docente listará os tipos de variação mais comuns (histórica, geográfica, social, estilística), ilustrando. Em seguida, apresentará uma quinta variação: a diamésica. Na sequência, o professor apresentará o gênero textual *meme*, destacando seus tipos e características a partir de exemplos extraídos da *internet*. É importante mostrar aos alunos os propósitos comunicativos do *meme*, cujos efeitos de sentido unem a linguagem verbal à não-verbal, vinculados ao suporte virtual em que a linguagem se mostra dinâmica.

Sendo primordial retomar a variação diamésica – que se apresenta em diferentes gêneros textuais, o professor apresentará os *memes* da página “Pai do Pingu”, bem como outros gêneros (cordéis, músicas, minicontos, notícias etc.), os quais podem ser recursos linguísticos para reflexão e análise da variação linguística. É importante solicitar a participação dos alunos para a leitura dos textos em voz alta. Nesse momento, o professor pode falar sobre a relação entre as modalidades falada e escrita, o valor social das variantes, o preconceito linguístico, a importância do uso da norma-padrão (exigência de acesso ao mercado de trabalho, à aprovação em exames de ordem, a provas de vestibulares etc, por exemplo). Na segunda aula, o docente deve apresentar as seguintes atividades referentes aos *memes* da página, a fim de refletir sobre os fatos linguísticos decorrentes do uso.

Questão 1

Responda as questões a partir da observação da imagem:



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Opaidopingu>>. Acesso em: 09/01/2021

a) Esse texto é um “*meme*”, gênero textual muito popular na *internet*. Nele é apresentada uma linguagem informal característica do povo cearense. Fique atento, pois em gêneros dessa natureza os sinais de pontuação não são aplicados. A partir da explicação feita pelo professor, que tipo de variação linguística o texto evidencia: histórica, geográfica, social ou de registro?

b) Identifique as palavras que indicam ação por parte da personagem. Se você fosse dar um nome a esse conjunto de palavras encontrado, qual seria?

c) No texto, quando a personagem expressa “fale comigo nao”, o que isso denota?

d) Que noção se tem ao utilizar a palavra “fale”?

e) A expressão “to tentano boceja” evidencia fato concluído ou em processo? Em que tempo: passado, presente ou futuro?

f) As duas palavras “ra” e “lá” atuam como variante da expressão “vai lá”. No texto, que sentido essas duas palavras denotam? Elas têm o mesmo significado do modo verbal da palavra “fale”? Escreva uma palavra ou expressão para substituir os vocábulos “ra” e “la” e “vai lá”, nesse contexto,

sem alterar o sentido empregado pelo autor do *meme*. Feita essa operação, classifique de acordo com a norma-padrão a expressão e/ou palavra escolhida por você.

g) O som da consoante que inicia a palavra “vai” sofreu variação. Qual som você escuta? Apresente outras palavras que, de acordo com a norma-padrão, são pronunciadas com o som de V, mas que, em seu convívio com família e amigos, são pronunciadas com o som de R. Em sua opinião, você acha inadequada a troca de V pelo R em situações comunicativas?

h) Observe o vocábulo “boceja”. Reescreva essa palavra de acordo com a norma-padrão. Compare as duas formas. Que elemento estava faltando? Em sua opinião, de acordo com a ortografia da Língua Portuguesa, essas duas formas são palavras com o mesmo significado? Classifique as duas palavras de acordo com a conjugação verbal (número, pessoa, tempo, modo).

i) Reescreva o texto presente no *meme*, fazendo as devidas adequações à variante padrão, utilizando, para isso, os sinais ortográficos.

Essa é uma questão que relaciona atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Primeiro, porque solicita do aluno a observação atenta da imagem em forma de texto para que possa entendê-lo e interpretá-lo em contexto de uso. Segundo, para as atividades epilinguísticas (itens *g* e *i*), o aluno deverá refletir sobre o uso de determinadas formas em situações comunicativas diversas, bem como comparar expressões e/ou palavras, a fim de explorá-las em suas diferentes possibilidades. Terceiro e último, os itens (*a*, *b*, *c*, *d* e *e*) dizem respeito às atividades metalinguísticas, baseadas na análise da língua pela língua em que se pode categorizar e explicar os fenômenos linguísticos. Os enunciados que operam com atividades epilinguísticas e metalinguísticas, simultaneamente, são os (*f* e *h*).

Questão 2

Observe o meme a seguir e faça o que se pede:



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Opaidopingu>>. Acesso em: 09/01/2021

a) Qual o propósito comunicativo do gênero textual acima? Transcreva o texto conforme a variante padrão, de modo a realizar as adequações necessárias, inclusive os sinais de pontuação. Depois disso, analise o efeito de sentido. Justifique sua resposta.

b) Observe a palavra “dozoto”. Trata-se de uma variante da expressão “dos outros”. Compare-as. O que fez o autor do *meme* utilizar a letra Z em vez de S? Qual a função da letra S no final dos vocábulos “dos” e “outros”? Com base no seu conhecimento linguístico, a forma “dozoto” apresenta a mesma ideia da expressão “dos outros”? Por quê?

c) O *meme* acima emprega o discurso direto (diálogo). Esse aspecto também é comum em gêneros literários, nos quais é predominante o tipo narrativo, como os romances, contos, novelas etc. Nesse sentido, a partir da releitura do *meme* e da situação ali apresentada, produza um pequeno texto narrativo (que pode ser miniconto), contextualizando o que poderia ter

acontecido com as personagens antes da apresentação desse diálogo. Lembre-se: como se trata de um gênero narrativo, faça a adequação à norma-padrão. No entanto, é importante incluir a conversa das personagens sem fazer muitas alterações. Atente-se em colocar os sinais gráficos característicos do texto escrito que você produzirá (travessões, vírgulas, exclamações, interrogações etc.). Além disso, é necessário criar um desfecho para sua história.

Essa questão contempla, igualmente, atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, haja vista o aluno ter de ler, escrever e refletir sobre o texto no *meme*, baseando-se em seu conhecimento do uso da língua. Os itens (*a* e *c*) são destinados à atividade tanto linguística, quanto epilinguística e o item (*b*) a atividades epilinguísticas e metalinguísticas, pois, o aluno analisa, interpreta e reflete sobre os fatos da língua, sua forma, sua função, a partir da interação discursiva.

Questão 3

Dever de casa/Avaliação

Forme trios com seus colegas.

Procure na *internet* imagens de animações que vocês gostam de assistir ou faça um *print* de uma cena específica (cômica) de um vídeo.

Refleta sobre sua identidade linguística.

Procure por expressões que são marcantes em seu falar ou no falar de alguém do seu convívio e liste-as a fim de discutirmos em sala junto aos colegas.

Pesquise por algum aplicativo que realize edições, de modo a colocar as frases e/ou diálogos junto à imagem escolhida. Feito isso, seu *meme* está pronto!

Poste na rede social de sua predileção e espere pelas reações de seus amigos.

Escreva um texto curto ao professor contando como foi sua experiência com o conteúdo da variação linguística e com a produção do *meme*. É importante relatar as reações das pessoas em relação ao *meme* produzido.

As atividades linguísticas, metalinguísticas e epilinguísticas também são contempladas na questão 3 de modo que o aluno leia, analise, compare, reflita, interprete e (re)escreva o texto, de modo a ampliar sua competência de língua, bem como desenvolver conhecimento acerca da variação linguística e suas diversas possibilidades de trabalho. Ao produzir um gênero textual direcionado, no caso específico, *os memes*, o discente deverá levar em consideração os interlocutores vinculados às suas redes sociais. Logo, trata-se de uma atividade situada em um contexto social e digital. A produção final é útil para avaliar o que será assimilado durante toda a intervenção pedagógica, assim como comparar o conhecimento anterior ao adquirido durante as atividades de variação linguística.

Considerações finais

Buscamos, por meio desta investigação, identificar que os *memes*, gêneros textuais digitais, são potenciais ferramentas para se trabalhar com o fenômeno da variação linguística nas aulas de LP, na medida em que pudemos, primeiramente, abordar tanto os conceitos de língua (gem) e identidade, como a evolução dos estudos linguísticos, de modo a comparar algumas abordagens, como a estruturalista e a sociolinguística.

A primeira abordagem se refere ao fenômeno linguístico como um sistema pronto e acabado, estático, invariável e dissociado do sujeito. A segunda vertente compreende a língua como uma atividade interativa por meio da qual os indivíduos compartilham suas histórias, suas experiências, suas crenças e ideologias, todas elas situadas social e culturalmente, cuja língua se manifesta de modo sistemático e heterogêneo. De igual modo, tratamos dos tipos de variação linguística e do conceito de identidade em conformidade com os pressupostos sociolinguísticos.

Nessa mesma linha, trazemos à baila algumas percepções sobre gêneros textuais e digitais, dando destaque à observação e análise do nosso objeto de estudo 5 (cinco) *memes*, os quais serviram de mote para descrever e interpretar a variação linguística. Identificamos variações em níveis (morfofonêmico; morfossintático; discursivo; semântico e lexical) do sistema da língua, no que destacamos duas ocorrências: o enfraquecimento de sons fricativos representado nos *memes* pela letra R (variação fonético-fonológica e mórfica) e a não marcação da concordância nominal de plural (variação morfológica). A partir da análise, ratificamos que os *memes* da página do Facebook “Pai do Pingu” servem de recurso às aulas de LP no que diz respeito à reflexão linguística.

Essas formas textuais muito populares refletidas em ambiente virtual revelam a identidade do sujeito por meio do uso da língua e, por conseguinte, tende a identificar a comunidade linguística na qual ele se insere. Quando um indivíduo produz um *meme* e posta na *internet*, ele quer mostrar as suas preferências como a de seus interlocutores (seguidores), já que podem compartilhar a mesma expectativa do propósito comunicativo.

Nesse sentido, o objetivo comunicativo dos *memes* analisados nesta pesquisa só é alcançado quando o público-alvo são pessoas que compartilham das mesmas peculiaridades linguísticas e culturais do povo cearense e que estão familiarizadas com o espaço digital, por isso recomendamos o trabalho especialmente em escolas públicas e/ou particulares do Estado do Ceará, de forma que os alunos se identifiquem e se conscientizem acerca de sua identidade. No entanto, isso não impede que um professor de LP de qualquer região do Brasil utilize-os para fins de análise e reflexão linguísticas, sobretudo no que se refere ao preconceito linguístico entre as regiões.

A nossa pesquisa não foi capaz de se aprofundar mais sobre a identificação porque para isso seria necessário estabelecer um diálogo com os seguidores da página por meio de entrevistas ou questionários no sentido de compreender a adaptação à linguagem cearense no contexto dinâmico da *internet*. No entanto, percebemos que os *memes* evidenciam a relação entre

língua e identidade a partir dos fenômenos que destacamos e são comuns no falar cearense. Para aproveitarmos as variações linguísticas encontradas nas formas textuais analisadas, relacionamos com outras pedagogias cujas práticas de análise linguística são significativas, por exemplo, a de leitura e de produção de texto.

A respeito das atividades elaboradas, na última seção do trabalho, devido ao contexto pandêmico, não foi possível aplicá-las para concluirmos se, de fato, contribuiriam no desenvolvimento da competência comunicativa quanto da sociolinguística dos discentes, mas esperamos utilizá-las em aulas futuras. Contudo, é importante ressaltarmos que a produção da proposta pedagógica mostrou que a partir de um só *meme* daquela página, muitas possibilidades de trabalho reflexivo e produtivo podem surgir. Encerramos a nossa discussão com a assertiva de que o professor de LP deve estar sempre atento à realidade sociolinguística dos alunos, de modo a tratar a diversidade respeitosamente, com base na heterogeneidade da língua de cada indivíduo. Além disso, é necessário que o docente comece a tratar o seu objeto de ensino como uma oportunidade de desenvolver ciência e cidadania.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ALCKMIN, Tânia. **Sociolinguística (Parte 1)**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, AnnaChristina. Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. **Transmutação de gêneros na web**: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiano Alves da. A heterogeneidade linguística e social na sala de aula: reflexões para um ensino pautado na ciência. **Revista da ABRALIN**, [internet], v. 19, n. 2, p. 1-5, 27 jun. 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1429. Disponível In: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1429> > Acesso em 30 dez. 2020.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz? 15. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC/Secretária da Educação Básica, 2018. Disponível In: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acessado em 23/12/2020.

CAMACHO, Roberto Gomes. A relevância social da sociolinguística: o efeito de escolaridade na marcação de número. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 461–479, 2016. DOI: 10.20396/cel.v58i3.8647219. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647219>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Mister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem**, [internet], v. 4, n. 2, p. 173-194, 27 fev. 2011. Disponível In: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>>. Acesso em 12/12/2020.

COSTA, Marcos Antonio. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). Manual de linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 113-126.

ILARI, Rodolfo. **O Estruturalismo lingüístico**: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda.; Bentes, Anna Christina (orgs.). Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004, p.53-92. v.3.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. Where does the Linguistic variable stop A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.

LIMA-NETO, Vicente de. **Um estudo da emergência de gêneros no facebook**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014, 309p. Disponível In: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12573> >. Acesso em 05 jan. de 2021.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**: uma introdução. Tradução de Marilda WinklerAverbug; Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1987.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2008b.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Suely de Sousa; OLIVEIRA, Luiz Henrique de. Linguagem e sociedade: um estudo sobre identidade(s) linguística(s), prestígio e preconceito linguístico. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 2, p. 120-135, maio-ago. 2020. Disponível In: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2301>>. Acesso em 28 dez. 2020.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROCHA, Jonas Eduardo. **Uma proposta de descrição do gênero meme na perspectiva da semiótica social: caminhos para aplicação no ensino de leitura e escrita**. Dissertação (Mestrado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 162p. 2020. Disponível In: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/5080>>. Acesso em: 4 jan. 2021.

RODRIGUES, Ana Germana Pontes. **Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2018.

RONCARATI, Cláudia Nívia; UCHOA, José Alber Campos. **Enfraquecimento das fricativas sonoras na fala do Ceará**. *Rev. de Letras*, Fortaleza, v. 33, n. 1, p. 9-50, jan./jun. 2014. Disponível In: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15945>>. Acesso em 4 jan. 2021.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

XAVIER, Antonio Carlos. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.